



CARLOS BARBOSA

O chão  
que em  
mim se  
m o v e

Editora Penalux  
Guaratinguetá, 2016



EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro  
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br  
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO  
França & Gorj

REVISÃO  
Dália Negra  
www.dalianegra.com.br

CRÉDITO DA FOTO DO AUTOR  
Sarah Fernandes  
facebook.com/libellulephotography

PROJETO DE CAPA  
Dáblio Jotta

CAPA E DIAGRAMAÇÃO  
Ricardo A. O. Paixão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

B238C      BARBOSA, CARLOS. 1958 -  
O CHÃO QUE EM MIM SE MOVE / CARLOS BARBOSA. -  
GUARATINGUETÁ, SP: PENALUX, 2016.

128 p. : 21 cm.

ISBN 978-85-5833-067-1

1. CONTOS I. TÍTULO.

CDD B869.93

---

Índices para catálogo sistemático:  
1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.  
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida  
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

## Era uma vez o Bendiá

**COM** o bucho na boca, minha mãe montou uma égua e viajou doze léguas até o Bendiá. Lá, me despejou no mundo. Dias depois, meu pai teve que providenciar uma caixa de sapatos pro meu enterro. Que, obviamente, não aconteceu. O detalhe da caixa de sapatos, cujo número jamais soube, em urna funerária feita, sempre me espantou mais que o risco que corri de um dia morrer sem nadar no rio São Francisco. Nada espantoso pra minha mãe, no entanto, que dizia sem tremer a voz, ninguém achou que você vingaria, aquela coisinha miúda, magrela e desconjuntada, cabia com sobras na caixa de sapatos. A caixa voltou intacta pra seus sapatos ou pra serventia de guardar miudezas de seu dono, e melhor destino teve.

Cumprido o resguardo de minha mãe, retornamos em tropa a Bom Jardim, pra beira do grande rio, onde fui concebido com prazer e gestado com certa contrariedade. Minha mãe não escondia sua pretensão de não mais ter filhos. Mas o que importa aqui é que, buchuda de mim, minha mãe deixou a cidade e foi parir na roça, tendo minha avó de parteira, no Bendiá falado.

Fazenda Bendiá, no passado. A sucessão de pequenas propriedades em que se tornou, ao longo da estrada que vai dar no Bom Jardim, denuncia a desagregação de suas terras ao longo do tempo. Duas delas pertenciam aos meus avós maternos e paternos, separadas por um corredor entre cercas. Proximidade que deve ter facilitado em muito o namoro que me trouxe ao mundo.

Espojado em esteira, me lambuzei com frequência em secreções e excrementos próprios, enquanto minha mãe azafamava-se pela casa e tempo afora. Meu anjo da guarda disso não se ocupava. Devo ter provado barro, mais tarde, tão logo me coloquei em pé e passei a inspecionar paredes e quintais. Muito amarelo, totalmente zarolho, ostentei ao longo da infância um triste corte de cabelo preventivo de piolhos: apenas um pequeno topete no coco raspado. E apanhava sistematicamente de meu irmão Toninho por me meter em suas brincadeiras, por chorar denunciando maus-tratos ou simplesmente por existir de forma pegajosa ao seu mundo de menino grande.

Forte e habilidoso, Toninho se atirava a todo tipo de traquinagens e aventuras. Atrás dele, eu passava apuros e vergonha, e costumeiramente o atrapalhava. Foi no Bendiá que meu irmão me acertou um jenipapo verde no meio das costas. Naquele dia, por não conseguir me alçar a um galho, ameacei contar a meu pai que ele estava trepado no jenipapeiro – isso

custava uma surra de cinto ou uns bolos de palmatória. Quando me virei pra cumprir a ameaça, senti a pancada, perdi a respiração e, ao recuperá-la, não precisei contar nada a ninguém: o choro estridente atraía parentes e aderentes. Impetuoso, meu irmão sempre agravava suas punições.

Até hoje não sei se foi proposital. No dia seguinte, arrumamos capanga, quicé e punhados de sal. Era tempo de umbus. E a promessa era de que, na caatinga que se apresentava frente ao terreiro da casa que fora de meus avós maternos, pegando o carreiro logo adiante da gameleira maior, alcançaríamos umbuzeiros de frutos cabeludos e doces. Seguia na retaguarda da fila indiana – menor de todos e mais medroso também – formada por primos e por meu irmão, este sempre na vanguarda.

*Em agosto, imbuzeiro é pau;*

*Em setembro, fulora;*

*Em outubro, refóia ,*

*Em novembro, dá,*

*Depois que móia.*

O sol vinha de frente, seus raios abrindo caminho na folhagem rala da caatinga. Tropeçando em gravetos, arranhando os braços em galhos, eu seguia sempre aos pulos, ameaçado

por minha fraqueza de ficar definitivamente pra trás e perdido. Cansava-me mais do que os outros com isso, sendo de todos o mais fraco. Situação que ficava aflitiva, a cada segundo da jornada, pois minha imaginação também seguia aos pulos a lembrar de curupira, saci-pererê, boitatá, mula sem cabeça e todo tipo de onça que constava das enciclopédias Barsa e Trópico. Entremeando essas lembranças inadequadas, uma desconfiança crescia quanto ao passo apressado dos da frente. Comecei a acreditar que forçavam o ritmo pra me deixar pra trás, assustado, ou pra que eu desistisse de prosseguir e tomasse o caminho de volta. Minha teima então me empurrava pra diante, com os olhos a marejar, sabendo no íntimo que era Toninho quem ditava essa vontade ao grupo.

Meu esforço de nada adiantou. Antes de chegar ao sítio onde colheríamos os tais umbus cabeludos, aconteceu uma pancada seca, um atropelo de pernas e braços a abrir caminho pelo mato e um zumbido crescente só percebido por mim quando as ferroadas começaram a cobrir meu corpo. Fechei os olhos e gritei. Gritei mais e abri os olhos a agitar os braços na tentativa de espantar o enxame, de abrir caminho, de me livrar das ferroadas. A fila havia-se desfeito e somente de mim aproveitavam os enxus. Aos berros, embrenhei-me pela caatinga. Corri o tanto que meus cambitos aguentaram. Só parei quando a dor dos arranhões e topadas ficou mais forte que a dor das

ferroadas. O choro, a essa altura, aproximava-se do convulsivo. O silêncio em volta, rompido apenas pelos soluços, representava veementemente o meu estado de perdido no mato sem cachorro. E assim fiquei por um bom tempo sentado no chão, livre dos enxus, a elaborar um relatório dos prejuízos físicos.

Contados vinte e duas ferroadas, uma cabeça de dedo esfolada e arranhões por todo o corpo, eu estava em condições de procurar a saída, e a saída era a estrada que ficava no sentido contrário... a oeste! Consegui sorrir. Não seria difícil sair daquela enrascada. Passei sal nos arranhões e nas picadas. Observei o sol, as sombras no chão. Num instante posicionei-me na direção desejada e voltei a me embrenhar no mato, o coração ainda agitado, a procurar uma trilha. Não cheguei a encontrar picada ou carreiro, saí direto na estrada, pra minha surpresa e júbilo. O diacho foi decidir pra onde seguir: norte ou sul? Não me lembrava de nenhum dado que construísse uma decisão firme. Esperei passar algum cavaleiro na estrada. Por muito tempo fiquei ali amoitado. A ardência das ferroadas e uma fome assaltante, no entanto, exigiam seus lenitivos. Não dava pra esperar indefinidamente um canto de carro de boi ou potoque de patas de cavalo. Rumei à esquerda.

O mundo às vezes se ausenta, esquece de funcionar corretamente. Desde a debandada dos catadores de umbus que apenas eu existia no mundo. Eu e minhas dores, e ninguém

para de mim se apiedar. As sustentações do mundo, todas, retiradas. E eu a procurar amparo que compensasse a capanga vazia e o sangue derramado. A ausência do mundo era a ausência de justiça que tomava meu peito. E a presença de um medo ainda não domesticado, pois eu avançava pelo areão da estrada sem me deparar com vivalma. O sol a anunciar a metade de sua trajetória incandescente.

E assim rasgado por fomes diversas, vislumbrei uma casa ao longe. Voltei a correr e a chorar. Afinal, eu era aquele que havia sido iludido pelos companheiros, abandonado no mato bem distante de casa, jogado às onças, sobre quem haviam atizado enxus; alguém que estava esfolado por dentro e por fora; pessoa que merecia as mais altas recompensas, os mais doces afagos. Tudo isso deixei perceber e disse a minha tia Vitorina, que me recebeu em seus braços na varanda da casa.


Tive que suportar a aplicação de linimentos em meu peito que chiava, de álcool nos ferimentos e até extração de ferrões com agulha aquecida na chama de um lampião. Mas, as porções generosas de paçoca de gergelim, de carne frita pilada e repilada com temperos e farofa, os pedaços de rapadura cerenta, as talhadas de melancia, balaios de umbus lisos e cabeludos, porções de mel de mandaçaia com farinha, cumbucas de coalhada, água fria de moringa, doce de leite com rapadura



e mais a rapadura que quisesse, a cozinha e a despensa escancaradas ao meu dispor, contribuíram em muito pra contenção de meu choro e de meu sofrimento. Um positivo foi enviado até meus pais, e por lá fiquei aquele resto de dia e a noite que se seguiu embalado pelos carinhos de tia Vitorina. Vivo, farto, em colchão macio, zelado como se príncipe fosse, alcancei a manhã e o convívio dos meus, todo lanhado mas ostentando nos lábios um sorriso vitorioso.



[www.editorapenalux.com.br](http://www.editorapenalux.com.br)  
[caobarbosa.blogspot.com](http://caobarbosa.blogspot.com)

 [caobarbosa@bol.com.br](mailto:caobarbosa@bol.com.br)

 [/penaluxeditora](https://www.facebook.com/penaluxeditora)